



VOZ DA FÁTIMA

«Ao aproximar-se a hora, lá fui com a Jacinta e o Francisco, entre numerosas pessoas que a custo nos deixavam andar. As estradas estavam apinhadas de gente e todos nos queriam falar. Ali não havia respeito humano: numerosas pessoas e até senhoras e cavalheiros, conseguindo romper por entre a multidão que à nossa volta se apinhava, vinham prostrar-se de joelhos diante de nós pedindo que apresentássemos a Nossa Senhora as suas necessidades».

(Relato da vidente Lúcia acerca do que se passou na Cova da Iria, em 13 de Setembro de 1917)

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria

Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336

Composto e Impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Correspondência para: P. Joaquim Gaspar — Leiria

ANO XLVIII — N.º 588

13 DE SETEMBRO DE 1971

PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

III Seminário Internacional sobre a Fátima e o Coração de Maria

Realizou-se, de 17 a 22 de Agosto, na Sede Internacional do Exército Azul, na Fátima, o III Seminário Internacional sobre a Fátima e o Coração Imaculado de Maria, sob a presidência do Cardeal Larrachona.

Na verdade, o movimento ecuménico concretiza-se na Fátima. Aqui estiveram teólogos católicos, protestantes e cristãos do rito bizantino, todos interessados no estudo da doutrina do Coração Imaculado de Maria, à luz da Mensagem da Fátima.

Parecem cada vez mais actuais as palavras que Nossa Senhora aqui pronunciou, há 53 anos: «Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará».

Teve particular interesse a conferência proferida pelo P.º Dr. Joaquim Alonso sobre a «História e sentido das revelações da Fátima e o Coração Imaculado de Maria». Foi tal o interesse que todos os teólogos, estudando os pontos apresentados com clareza e profundidade, se sentiram atraídos para o assunto e puseram ao conferencista as dúvidas que na análise surgiram, dúvidas estas a que o Dr. Joaquim Alonso respondeu, no dia seguinte, aclarando determinados aspectos e levando todos os teólogos a reunirem-se à tarde para estudo e conclusão das dúvidas e esclarecimentos.

Caracterizou a importância deste encontro o facto de se realizar imediatamente a seguir aos Congressos Mariológico e Mariano de Zagreb. Estiveram presentes 30 congressistas vindos daqueles Congressos.

Discurso de abertura do Senhor Bispo de Leiria

Eminências Reverendíssimas
Excelências Reverendíssimas
Reverendíssimos Senhores
Minhas Senhoras e meus Senhores

Neste afluír sempre crescente e múltiplo dos filhos da Igreja à Fátima, há muito conhecida por «Altar do Mundo», o humilde Bispo da Diocese escolhida pela Virgem para terra de bênção tem de ser o representante nato desta Igreja que, desde o Papa Paulo VI até ao mais humilde peregrino de terras lusitanas, aqui vem haurir o espírito duma presença mariana que tudo santificou.

E realmente, Senhores, não recuso arcar com essa representação, motivo simultaneamente de intenso gozo pastoral sempre renovado e de responsabilidade não diminuta que recal sobre os meus ombros. Hoje, porém, apaga o sentimento da responsabilidade a profunda alegria de me ver perante tão ilustre assembleia de amigos e devotos da Fátima, à qual confere singular brilho a presença veneranda de tão distintos representantes do Sacro Colégio Cardenalício.

E seja-me permitido, antes de mais, saudar Vossa Eminência, Senhor Cardeal Arcádio Larrachona, que se dignou aceitar a presidência deste Congresso Internacional em honra do Coração Imaculado de Maria. Foi Vossa Eminência, não o esqueceremos nunca, que, na qualidade de Prefeito da então S. Congregação dos Ritos, aprovou o culto litúrgico de Nossa Senhora da Fátima, vindo-o inaugurar solenemente aqui, neste lugar sagrado.

A Vossa Eminência, Senhor Cardeal Arcebispo de Santiago. A Vossa Eminência Reverendíssima, Senhor Cardeal Patriarca Resignatário de Lisboa, a quem a Fátima é devedora, como a nenhum outro, do esplendor do seu culto, da força de suas razões teológicas, do calor sempre vivo do seu grande coração. Não esteve sempre Vossa Eminência na linha da vanguarda em defesa dos ideais que a Fátima representava e representa para a Igreja em Portugal, para a Igreja no mundo inteiro?

Para Vossa Eminência, pois, vai dirigida com acento particular a homenagem profunda da minha admiração respeitosa, dedicação filial, de agradecimento sem limites — para Vossa Eminência, digo, que tão gloriosamente representa meio século de história da Igreja em Portugal.

Sinto, Senhores Arcebispos e Bispos, a alegria incontida de saudar fraternalmente, em Vossas Excelências Reverendíssimas, os Irmãos Maiores no Episcopado.

Diante de vós, caros e ilustres Professores, Teólogos exímios que, depois dos notabilíssimos Congressos Internacionais Mariológico e Mariano de Zagreb, quisesse reunir-vos aqui, como em lugar de silêncio, meditação e intensa vida marial, a admiração e o respeito que há pouco vos manifestava, num de seus discursos, o Augusto Pontífice, Vigário de Cristo.

Esse mesmo respeito, admiração e gratidão profunda vai para vós, distintos teólogos e cultores da Mariologia, que tomastes sobre os vossos ombros a esplanção e estudo dos temas cordimarianos deste III Seminário Internacional, que vamos encetar.

* * *

Porque nos reunimos aqui, em encontro internacional?

Não posso naturalmente antecipar-me aos estudos e conclusões que vós, ilustres conferencistas, sem dúvida elaborastes e preparastes e que, cheios de sã curiosidade e expectativa, nos aprestamos a escutar. A simples leitura, porém, dos títulos das conferências programadas, os nomes bem consagrados no campo da leitura marial e fatimista dos relatores e este incomparável ambiente internacional a que já nos habituámos nos nossos Seminários e encontros anuais, indicam-se com clareza que devo contentar-me com balbuciar três simples e muito breves palavras: a primeira, sobre o enorme interesse dos temas escolhidos; uma segunda, acerca da importância que eles têm no contexto da Mensagem da Fátima; uma palavra, finalmente, de grande reconhecimento a quantos tornaram possíveis estas reuniões e estudos.

Quanto ao interesse do tema, permiti um ligeiro apontamento a quem, desde há quase cinquenta anos, tem estado presente em todas as vicissitudes por quem tem passado à Fátima. Quando, pelos anos de 1925, a Fátima desenvolvia o seu apostolado fundamental de oração e penitência entre o povo português e, embora timidamente, através de outros povos, ninguém podia supor que precisamente por essas alturas se estavam verificando acontecimentos que haviam de acentuar o carácter universal da Fátima, como carisma singular e pertencente a toda a Igreja de Cristo, mais ainda, ao mundo inteiro.

O meu saudoso e venerando antecessor, D. José Alves Correia da Silva, que conheceu os factos pouco tempo depois de se terem verificados, ficou maravilhado e, porque não dizê-lo, de início, algum tanto perplexo. Só a pouco e pouco, o curso providencial dos acontecimentos e das coisas lhe fez compreender, com toda a clareza, o que significavam para a Mensagem da Fátima os factos de que ia tendo conhecimento. E, como sempre, voltou para eles todo o seu grande coração de Bispo da Fátima.

Ora bem, já na origem, e, em seguida, no próprio centro da atenção da Igreja sobre a Fátima, dos anos de 1942 a 1954, aparecia o tema do Coração de Maria, numa exuberante constelação de elementos: a visão do Inferno, Rússia e a sua consagração, as visões da guerra, a devoção dos primeiros sábados, a reparação, a consagração do mundo e das nações, essa rota maravilhosa pelo mundo da Virgem Peregrina da Fátima, derramando graças a flux — acontecimento extraordinário, consagrado para a história em solene documento pontifício... Poderíamos perguntar se, na Igreja de Deus, houvera nunca período tão cheio de bênçãos do Céu como aquele em que a Virgem da Fátima ia espalhando pelo mundo as riquezas do seu Coração...

Hoje, o interesse do tema é deveras estimulante, sob qualquer aspecto que se queira considerá-lo: Trata-se, na verdade, dum tema que pertença à história e conteúdo da Fátima? Como relacioná-lo com uma tradição multissecular do culto ao Coração de Maria, que mergulha as suas raízes no próprio Evangelho? E hoje é possível inseri-lo nesses movimentos «pentecostais» despertados pelo II Concílio do Vaticano? Como realizar tudo isso?...

Mas não é só um interesse de momento, psicológico, por exemplo o que determina o tema «Coração de Maria» na Fátima. É a sua mesma importância intrínseca e fundamental. Mal precisaria de encarecê-lo. Mas vou fazê-lo, servindo-me dumas tantas palavras do Em.º Cardeal Cerejeira que, por si sós, valem um tratado: «Foi o compas-

sivo Coração da Virgem Imaculada que fez o milagre de Fátima... Cremos que as Aparições da Fátima abrem um período novo: o do Coração Imaculado de Maria.

O que se tem passado em Portugal proclama o milagre. É o prenúncio do que o Imaculado Coração prepara para o mundo». (Prólogo da terceira edição da «Jacinta», do Cónego Galamba de Oliveira).

«Ousarei mesmo acrescentar — diz Sua Eminência noutra circunstância — : a missão especial de Fátima é a difusão no mundo do culto ao Imaculado Coração de Maria... À medida que a perspectiva do tempo nos permita julgar os grandes acontecimentos de que fomos testemunhas, estou certo que Fátima será para o culto do Coração de Maria o que Paray-le-Monial foi para o culto do Coração de Jesus. Fátima, de algum modo, é a continuação ou, melhor, a conclusão de Paray; reúne aqueles dois Corações, que o mesmo Deus uniu na obra divina da Redenção dos homens». (Discurso em Campinas, 1946).

Em suma, na Mensagem da Fátima, o Coração de Maria é como que a visão «interior» do sobrenatural: revela-nos a intimidade de Deus, como aos pequenos Videntes; faz-nos penetrar nas intenções mais recônditas da Virgem ao manifestar-se; e dá-nos o símbolo mais perfeito para conhecer o amor maternal da Virgem que não conhece limites. Este tema, dentro da Mensagem considerada no seu todo, será como que a sua alma, o espírito vivificador. Fátima não pode reduzir-se a manifestação exterior, embora grandiosa, de multidões peregrinantes nunca vistas que cantam os louvores de Maria, de Deus. Fátima é, acima de tudo, um «espírito» de reparação, de oração, de penitência, no qual a Virgem Santíssima nos chama a uma religião do espírito e da verdade. Não se nos está a chamar hoje, por toda a parte, a uma renovação, a uma adaptação — aggiornamento — em espírito interior?... Pois bem, Fátima oferece a sua Mensagem de interioridade, intimamente centrada num ponto vivo e vivificante: o Coração de Maria!

Enfim, Senhores, e para terminar, a minha terceira palavra, que seria de agradecimento... Mas é tal o cúmulo de boas vontades por todos prodigalizado, tal o esforço de trabalhos e canseiras de toda a ordem, tão alta e representativa a qualidade das pessoas intervenientes, que me sinto absolutamente incapacitado de a proferir. Perdoai-me que vos diga só aquela palavra que a Santa Igreja, na sua liturgia, aplica à Virgem Maria: «Os que me derem a conhecer, alcançarão a Vida Eterna». Assim seja! Fiat! Fiat!

Quem esteve neste Seminário

Damos o elenco dos teólogos conferencistas participantes nos Congressos de Zagreb e que tomaram parte no III Seminário Internacional do Exército Azul na Fátima:

Dr. Lieball, de Regensburg (Alemanha); P. Sorowsky, de Estugarda; Pastor Chavanes, da Suíça; P. J. A. Düsing, de Jerusalém; P. Guindon, de Otava, Canadá; P. Crouzel, de Tolosa, França; Dr. Georges, Beirute, Líbano; Dr. Bruder, de Viena, Áustria; J. Pintard, de Paris; Dr. Joaquim Alonso, de Madrid; P. Herrán Laurentino, de Palência, Espanha; P. Martinelli, de Bolonha, Itália;

P. Michele Erleck, de Roma; P. Ruggero Rosini, de Roma; P. Ortiz de Urbina, S. J., de Roma; P. Giovanni Guolfo, de Rovera; P. Piacentini, de Roma; P. Melada, de Roma; Bispo Jablanovic, de Seravejo, Jugoslávia; Ante Skoboly, de Split, Jugoslávia; Ante Katalinic, de Zagreb, Jugoslávia; Lucyan Ferenic, de Pula, Jugoslávia; Dr. Brankofuci, de Rijeka, Jugoslávia; Dr. Demetrio Dimitrijevic, de Belgrado; Dr. Flanagan, da Irlanda; Dr. Banko Krilic, de Faljnica, Serajevo; Dr. Buxakowski, de Checoslováquia; Prof. Krupa, de Dublin; Prof. Napioskowsky, de Lublim.

O Sentido e o Valor das Práticas de Devoção ao Coração Imaculado de Maria

Pelo Rev.º Cónego Galamba de Oliveira

INTRODUÇÃO GERAL

Este nosso encontro paredes meias com o Santuário de Nossa Senhora da Fátima, junto da Casa da Mãe, e precisamente aqui na Sede Internacional do Exército Azul, realiza-se num ambiente de extraordinária exigência e de profundo significado.

Vem-lhe a exigência de dois lados: da qualidade e do número das pessoas que nele tomam parte e das necessidades prementes do Povo de Deus de que, pela Misericórdia de Deus, através do Baptismo, fazemos parte.

Os intervenientes dão-lhe, pela origem, característica verdadeiramente internacional. Não temos, pois, o direito de optar por uma visão de fresta. Impõe-se-nos antes o dever grave de nos debruçarmos sobre o mundo, de o encararmos de frente, de o vermos como ele é, de lhe tomarmos o pulso para vermos claramente de que enferma e de que é que mais gravemente carece.

Não se trata de proporcionar soluções de emergência mas de atacar o mal pela raiz na própria origem; temos de subir corajosamente até à fonte do mal para a estancarmos. E isto não com uma apertada visão de campanário para esta ou aquela região, este ou aquele meio ou classe dentro da Igreja, mas a uma escala verdadeiramente mundial.

Chamou-se-lhe Seminário Internacional e é-o na verdadeira e rigorosa acepção da palavra. Se mais não fora, pela forma por que, de há anos, desde o princípio, se realizam. Este ano, mais ainda, pela honrosíssima presença dos nossos irmãos vindos de Zagreb, onde acabam de dar ao Mundo o testemunho de uma fé viva e de uma piedade renovada.

Para vós todos, e para eles em particular, vai nesta hora o testemunho da minha admiração profunda e da minha caridade fraterna e agradecida. E vai também nestas palavras a homenagem de reconhecimento para com todos os que, em circunstâncias singularmente difíceis, no santuário da família e na própria consciência, com templos ou sem eles, continuam a praticar uma devoção esclarecida para com o Coração Imaculado de Maria.

Como, segundo o Evangelho, os últimos serão os primeiros, depois dos «seminaristas» e dos teólogos de Zagreb, o preito do nosso amor filial e da nossa submissão activa e colaborante para o Vigário de Cristo, a Sagrada Hierarquia em geral e em especial para os nossos Bispos, e a nossa respeitosa saudação para os Ex.ºs Purpurados que tanto brilho vieram dar a este Seminário.

Nunca foi coisa despiçanda o número. A consideração do escol e do valor do fermento deixou, por vezes, demasiadamente esquecida esta verdade: que Deus quer que todos se salvem e que, na realidade, a Mensagem da Salvação não é para um grupo limitado mas para todo o género humano.

Ora nós trazemos sobre os ombros a representação das várias línguas, nações e continentes. Numa sã consideração democrática representamos o Povo de Deus que fala e o Povo de Deus que escuta, que ouve e vive a Palavra.

Na hora que passa, o Mundo, extraordinariamente objectivo, prático, impregnado de existencialismo, mesmo sem dar por isso, não se satisfaz com a teoria abstracta; quer coisas práticas endereçadas à vida; não lhe bastam princípios, quer conclusões; não se contenta com doutrina, quer vida.

E se, por outro lado, nos voltarmos realmente para o mundo ao qual nos dirigimos e ao qual queremos ser úteis, não diminui nem a exigência nem a responsabilidade nem o aspecto prático dos nossos trabalhos. Daí o ter-se querido descer realmente às conclusões bem concretas não para esta meia hora apenas ou para o tempo da nossa análise em comum mas sobretudo pela actuação viva e vivida, no trabalho apostólico no meio do Povo de Deus.

Não podemos ficar num trabalho meramente doutrinário — à maneira dum Congresso Mariológico de Teólogos — mas temos de vir até ao teor e tipo dum reunião de pastores preocupados com a ideia de alimentar e fazer crescer a vida sobrenatural das almas que lhes foram confiadas.

Tal é, a meu ver, o que nesta hora nos compete fazer, tal o escopo do nosso trabalho.

O SENTIDO DA DEVOÇÃO AO CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA

Nossa Senhora é sempre a mesma. É sempre Mãe.

A Mãe não muda de natureza, nem de dignidade. As mães da terra podem variar no seu amor aos filhos, amá-los ora mais ora menos ou até deixar de os amar. Não assim a Mãe do Céu, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Numa coisa, pelo menos, o amor de Maria Santíssima por nós, a atitude do seu Imaculado Coração se assemelha à das mães da terra. É que Ela ama tanto mais os seus filhos quanto mais doentes e precisados estão.

Talvez esta observação nos conduza à descoberta da razão íntima por que a Mãe do Céu reservou para o nosso tempo a revelação mais clara do Seu Imaculado Coração e do amor em que por nós se abrasa e o correlativo convite a lhe tentarmos pagar o seu com todo o amor do nosso coração.

Não será caso de perguntarmos ansiosamente:

— Porque a nós, Senhora? Porque a nós?

— Não teriam sabido os séculos passados corresponder a este apelo da Mãe?

— Talvez até melhor do que nós, com mais prontidão e mais generosidade?

Analise-mos, de novo, todo este conjunto de factos e de doutrina.

— A que vem, na realidade, toda esta doutrina acerca do Imaculado Coração de Maria?

— A mostrar-nos que a Virgem Santíssima nos ama e com um amor singular?

Parece que não era preciso. Partindo do seu amor ao Filho e a tudo o que lhe diz respeito, em especial à sua Esposa, a Santa Igreja, Seu Corpo Místico, de que somos parte também, já sabíamos, há muito, que a Senhora nos ama e como nos ama; como a filhos estremecidos a quem concebeu místicamente, ao tornar-se, na Encarnação, Mãe do Cristo total.

Em última análise, nesta hipótese, a revelação mais clara do Coração Imaculado de Maria seria apenas para nos dizer que nos ama e como nos ama. Mas, para isto, repito, não eram precisas as aparições do Imaculado Coração.

Não há dúvida, porém, de que o primeiro elemento, e elemento fundamental, da devoção ao Coração de Maria é reconhecer o seu amor para connosco. Nós somos objecto do amor do Coração de Maria enquanto formamos um com o Filho, Jesus.

Mas não basta.

Demos um passo em frente. Por momentos voltemos o olhar para a

terra, como a luz das suas mãos na célebre aparição de 13 de Julho de 1917. A essa luz veremos melhor e compreenderemos mais perfeitamente o sentido desta renovada devoção, e tão renovada e intensificada que quase parece nova.

— Que espectáculo se nos depara? — De que carece o mundo? Em que situação se debate?

Aqui está, segundo cremos, o sentido mais profundo e mais actual da Mensagem do Coração de Maria; é uma mensagem do seu amor e um apelo ao nosso amor.

A quem quer que desapassionadamente observa o mundo logo se deparam duas realidades.

A primeira é que nunca se tratou tanto de amor como hoje. Ele é na literatura, sobretudo de ficção, é no cinema, na rádio e na TV, na própria escola e até nos movimentos apostólicos.

As vezes, chega a parecer que todos os outros temas perderam o valor e a actualidade.

A segunda, não tão evidente mas não menos autêntica, é que talvez nunca se tivesse percebido tão pouco de amor, nunca o amor tivesse sido tão adulterado. Não foi apenas a palavra que se deturpou, profanou e conspurcou, mas é até a própria coisa que a palavra exprime e significa.

Donde a conclusão clara: — Do que o mundo precisa é de amor, mas de amor verdadeiro, autêntico.

A isso se dirige a acção do Sagrado Coração de Maria a mostrar-nos como Ela nos ama, e por isso, como deve ser o amor verdadeiro, como se deve amar.

Mais uma vez, vamos até à nascente. A Mensagem da Fátima, toda a actuação do Coração de Maria, as suas palavras e a sua atitude são uma nova formulação da Mensagem Evangélica.

É que nunca ninguém entre as puras criaturas amou como Ela.

Ela é Mestre e Modelo de amor a Deus e ao próximo.

Por Ela, pelo seu Imaculado Coração, subimos mais directamente ao Pai. Com Ela aprendemos a amar. Que mais admirável escola de amor do que a sua? Onde melhor poderemos aprender a amar do que na escola de Maria?

A devoção ao Coração Imaculado de Maria é, pois, antes de mais, lição e escola de amor, de caridade para com Deus e para com o próximo, que só assim é verdadeira caridade.

ENUMERAÇÃO DAS PRÁTICAS DE DEVOÇÃO

Depois dos trabalhos destes dias, seria desnecessário e até fastidioso repetir aqui as práticas de devoção ao Coração Imaculado de Maria, pedidas ou sugeridas pela Virgem Santíssima nas suas várias manifestações. Remeto-vos, pois, para o trabalho do Rev.º Sr. Dr. Alonso onde os textos estão inseridos e as práticas de devoção enumeradas.

No fundo, em resumo, temos: — A oração, a reparação, o desagravo, a satisfação pelos pecados próprios e alheios.

Entre as práticas avulta a devoção à Sagrada Eucaristia, ao Santo Rosário, a celebração dos Primeiros Sábados com promessa relativa aos Cinco Primeiros Sábados, a Consagração ao Imaculado Coração.

SENTIDO E VALOR TEOLÓGICO DE CADA UMA

Seria pretensioso da minha parte acrescentar ao que está dito o que quer que fosse.

Mas, porque hoje se contesta tudo, poderia o meu silêncio ser mal interpretado, induzir alguém em erro e levar-vos a concluir que concordo com esses ataques ora frontais ora, mais perigosos ainda, feitos com o esquecimento, a obliteração e a omissão.

Do Rosário, que mais se poderá acrescentar ao que no nosso tempo, pela palavra e pelo exemplo, nos ensinaram, entre outros, os Sumos Pontífices João XXIII e Paulo VI?

Renovar, actualizar, vivificar a devoção do Rosário, sim.

Mas pretender encontrar novos enclaves ou argumentos justificativos do seu valor intrínseco e na vida da Igreja e na de cada um de nós parece redundante.

Trata-se de oração: de oração vocal e de oração mental; de contemplação e de súplica. As orações vocais são: uma de origem divina — a oração dominical o Pai Nosso; as outras, de origem celestial e da Tradição da Igreja — a saudação angélica e a Glória ao Pai.

O objecto da contemplação que integra o Rosário e acompanha a recitação das orações vocais é o que de mais alto nos oferece a Sagrada Escritura: os mistérios fundamentais da nossa Santa Religião, da vida do nosso Divino Salvador e da Sua Santa Mãe. Que mais se pode exigir?

Tem consigo o Rosário, além disso, o perfume amontoado da devoção dos Santos em muitos séculos de História e da vida da Igreja, o edificante exemplo da sua piedade e o estímulo do valor que tal prática teve para a sua santificação pessoal e para a sua doação aos outros, nas obras de apostolado, no serviço da Igreja.

— De que mais lucubrações teológicas temos necessidade?

— Responder às objecções? — Mas quem de bom senso pretendeu, alguma vez, ou dar à Virgem Santíssima o primeiro lugar ou fazer prevalecer o Rosário ao culto da Eucaristia, à Santa Missa?

Cada coisa no seu lugar, sem dúvida. Mas um lugar para cada coisa e, por isso, um lugar também para o Santo Rosário e o lugar que merece e que lhe é devido.

Que, por vezes, ao que parece, não é o Rosário que se ataca mas, por um condenável activismo, todo o tempo e esforço dispensado em matéria de oração, como se se tratasse de tempo perdido e como se não continuasse a ser verdade aquilo do Evangelho:

— «Vós, sem Mim, nada podéis fazer.»

A REPARAÇÃO

Poderá alguém objectar: reparar, para quê? Satisfazer, como?

— Não é a obra redentora de Cristo satisfação e reparação suficiente e até superabundante?

— Sem dúvida. Mas isso não tira que «Cristo continue a Sua Paixão até ao fim do mundo», não com um sofrimento pessoal mas a sofrer na pessoa dos membros do Seu Corpo Místico.

Donde se vê que, embora, na realidade, o único Redentor seja Cristo, de tal maneira formamos um com Ele que com Cristo nos tornamos salvadores dos nossos próprios irmãos. E dá-se, nesse admirável dogma da Comunhão dos Santos, esta comunicação de méritos das boas obras que os membros da Igreja partilham entre si.

Isto quanto aos outros. E bem pode dizer-se que a Mensagem da Fátima é também uma pregação viva desta verdade.

Começa na Loca do Cabeço com o convite que o Anjo faz aos videntes para aceitarem os sofrimentos que o Senhor entender dever enviar-lhes. E, após esta preparação, continua a Mãe de Deus com a reiterada recomendação e o pedido instantâneo de orações e sacrifícios pela conversão dos pecadores, renovado em quase todas as aparições.

Sem este pensamento, sem esta nota da reparação, que fica da Mensagem? Os Sumos Pontífices na doutrinação solene e oficial para toda a Igreja vêm em nossa ajuda.

Bastará recordar aqui as eloquentes passagens do Papa Pio XI na sua Encíclica «Misericordissimus Redemptor» de 1928, em que o Sumo Pontífice estabelece as razões teológicas que fundamentam esta prática:

— «Se bem que a copiosa redenção operada por Nosso Senhor Jesus Cristo perdoou com superabundância todos os pecados, todavia, por aquela admirável disposição da divina Sabedoria, de que, em nós, se há-de completar o que falta aos padecimentos de Cristo em favor do Seu Corpo que é a Sua Igreja (Col. 1, 24); podemos e até devemos acrescentar aos louvores e satisfações (sofrimentos expiatórios) que Cristo tributa a Deus, em nome dos pecadores, os nossos próprios louvores e satisfações».

E o Santo Padre actualmente reinante, o Papa Paulo VI, na sua Constituição Apostólica «Poenitentiam Agite» em 1966, confirmava esta doutrina ao escrever:

— «Todos os membros da Igreja são chamados a participar na Obra de Cristo e a participar também, portanto, na sua expiação».

E antes, Pio XII na «Mystici Corporis Christi», em 1953, convidava-nos a esta obra de reparação «a seguir de boa vontade as pisadas do nosso Rei, como exige a caridade verdadeira e efectiva para com a Igreja e para com as almas que ela continuamente gera para Cristo».

Podemos, à primeira vista, alguém pôr em dúvida. Será que haja, na verdade, particular necessidade de reparação na hora actual?

A isso responde ainda o mesmo Sumo Pontífice com as palavras seguintes, do mesmo documento:

— «...se em todo o tempo devemos unir os nossos sofrimentos com os do divino Redentor, para a salvação das almas, muito mais hoje em dia.»

Que as almas generosas não fizeram ouvidos de mercador a este apelo celeste prova-o a afirmação do Papa Pio XI na já citada Encíclica «Misericordissimus Redemptor».

— «Enquanto sobe sem cessar a malícia dos homens, o sopro do Espírito Santo multiplica maravilhosamente o número dos fiéis que, generosamente, procuram reparar tantas injúrias feitas ao Divino Coração, e até não hesitam em se oferecer a si mesmas a Cristo, como vítimas».

Trá alguém pensar que se trata de vocação universal?

Assim se depreende das citadas palavras de Pio XI. Suponho contudo poder interpretar essa universalidade num grau elementar de vida cristã. Mas, se pensamos numa reparação intensa em que a vida praticamente se compromete como, por exemplo, no caso da vocação de vítima, parece-me que se trata duma vocação muito singular que o Senhor reserva às almas predilectas.

O mesmo se diga em relação ao Coração Imaculado de Maria.

Todos temos obrigação de o desagravar mas nem todos da mesma maneira e com a mesma perfeição.

O que se pode dizer com verdade é que não faltam almas generosas que acodem com entusiasmo a responder ao amoroso convite do Coração Imaculado de Maria com uma vida de reparação e de desagravo pelos pecados que a cada momento se cometem.

Do valor da reparação pelas próprias faltas nada mais há a dizer senão que tudo o que fica dito se aplica a esta «a fortiori».

A ideia de consagrar ao Imaculado Coração de Maria os Primeiros Sábados do mês já vem de há muito.

Foi, porém, com a Promessa de particular assistência a quem fizer a devoção dos Cinco Primeiros Sábados que mais se generalizou a devoção.

Não seríamos objectivos, realistas, se encobrissemos uma triste realidade, qual é o facto de, nestes últimos anos, se verificar um decréscimo de devoção e de fervor quer no que respeita ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração Imaculado de Maria, quer no que se liga à prática das Primeiras Sextas-Feiras e dos Primeiros Sábados do mês.

A propaganda contrária surtiu certo efeito.

Muitos deixaram-se arrefecer na devoção e na prática.

E pensar a gente que se trata de manifestações de amor de predilecção, como o Senhor dizia a Santa Margarida Maria Alacoque:

— «Prometo num excesso de amor do Meu Coração!»...

De como, apesar deste arrefecimento, temos de procurar encaminhar, de novo, os fiéis de hoje para esta devoção, têm a palavra os pastores, os sacerdotes com cura de almas e os pais e educadores e directores de consciência que mais lidam com as almas no foro interno ou no externo.

Mas talvez sirva como fio condutor das nossas conversas e troca de impressões verificar que a gente nova, generosa, franca, amiga de aventuras, está, muitas vezes, aberta a estes rasgos de heroísmo — auscultemo-los e encaminhemmo-los para saberem dizer um sim ao convite que lhes vem do alto. Apresentemos-lhes francamente estes apelos, preparemos-lhes as almas para saberem responder com generosidade e saibamos dar tempo ao tempo.

Em certas almas a semente da vocação para uma vida heróica é como a das violetas — leva dois anos a germinar.

Mas vale a pena pôr certas almas de jovens diante de um ideal de exigência e de doação como este.

Penso, em segundo lugar, que a doutrinação nesta matéria se deverá fazer mais através de pequenos grupos ou em acção pessoal, do que para grandes massas de fiéis dificilmente sensíveis a tão delicados movimentos da graça.

Particularmente aptos serão os movimentos apostólicos e o ministério da direcção espiritual.

Pensando, contudo, que a Santa Missa é a renovação e a continuação do sacrificio redentor de Cristo no Calvário, porque não havemos de exortar os fiéis a oferecer-se como hóstias pequeninas unidas à Hóstia de valor infinito que é o próprio Senhor.

O trabalho mais difícil, creio eu, será contudo renovar, actualizar e elevar a mentalidade, a maneira de pensar dos sacerdotes.

Quando os nossos irmãos no sacerdócio tiverem uma recta maneira de sentir nesta matéria, o resto vem por acréscimo.

Realizar-se-á, então, um como que divino contágio; serão eles, sacerdotes e vítimas com Cristo, os formadores e educadores de outras almas a quem o Senhor, por eles, chamar a serem imitadores da Virgem Santíssima que, na «Mystici Corporis Christi», o Papa Pio XII apresenta como a grande, a primeira alma enamorada de tão nobre e tão alto ideal, e primeira vítima e modelo de vítimas em união com Cristo.

— «Foi Ela, a Imaculada e sempre intimamente unida a Seu Filho, que, como outra Eva, juntamente com o holocausto dos seus direitos e do seu materno amor, O ofereceu no Gólgota ao Eterno Pai, por todos os Filhos de Adão.»

O Coração Imaculado de Maria será então o princípio desta ascensão e, em certo modo, o caminho mais fácil da nossa identificação com Cristo que sofre, a fim de com Ele igualmente triunfamos, bendizendo o sofrimento e a cruz que para nós e para outros nos mereceu uma glória eterna.

Cónego José Galamba de Oliveira

Encerramento do III Seminário Internacional

Terminou, no dia 22, com uma cerimónia de autêntico valor ecuménico — a presença do ícone de Nossa Senhora de Kazan e de dignitários do rito bizantino — o III Seminário Internacional que reuniu teólogos, bispos, sacerdotes e leigos e uma grande assembleia de cristãos de numerosos países da Europa, Ásia, África e América.

Às 18 horas, organizou-se um cortejo da capela do rito bizantino do Exército Azul para a capela das aparições. Mons. André Kathoff, Bispo titular de Nauplia, do rito bizantino, acompanhado de outros dignitários, conduziu o precioso ícone. No cortejo tomaram parte os bispos, sacerdotes e todos os participantes no congresso.

Da capela das aparições o cortejo

seguiu para a basílica, onde o precioso ícone de Nossa Senhora de Kazan, de tão grande significado para o povo russo, foi colocado no altar. Seguiu-se então uma solene concelebração presidida pelo Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira e em que participaram 6 bispos e 55 sacerdotes.

O Cardeal Cerejeira pronunciou uma homilia na qual se referiu ao extraordinário Congresso que acabava de terminar, afirmando que a Fátima tem a missão semelhante a Paray-le-Monial. Aqui, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Na Fátima, a devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Depois da missa, os dignitários do rito bizantino incensaram o precioso ícone e entoaram cânticos da liturgia bizantina, e, em seguida, deram a bênção ao povo com o ícone de Nossa Senhora de Kazan.

As Ave-Marias

Quando, no dia 13 de Maio de 1917, a excelsa Rainha do Céu se dignou aparecer pela primeira vez aos humildes pastorinhos de Aljustrel, que apascentavam o seu minúsculo rebanho de ovelhas na estância deserta da Cova da Iria, tinham eles acabado de desfiar devotamente, como de costume, as oontas dos seus terços. As três inocentes crianças faziam sempre essa piedosa prática, tão querida da população da Fátima, àquela hora, a hora do meio-dia, a hora do «Angelus» ou das Ave-Marias.

E, depois, nos meses seguintes até Outubro, a augusta Virgem desceu sobre a copa da azinheira sagrada, no mesmo dia e à mesma hora, a hora mística do contacto entre o Céu e a terra, em que milhões de almas volvem o seu pensamento para as alturas e saudam Aquela a quem o Arcanjo anunciou que seria Mãe de Deus feito homem e que as gerações, dum pólo ao outro do mundo, não cessam de proclamar Bem-aventurada. E foi ainda a essa hora bendita, quando o sol, num movimento prodigioso, rasgando bruscamente as nuvens, que vomitavam caudais de água, apareceu em pleno zenite, revestido de todo o seu esplendor, que a radiosa Visão, declarando-se a Rainha do Rosário, designou o futuro Santuário da Fátima como sendo o seu Santuário predilecto, trono das suas graças e das suas misericórdias, nesta ditosa terra de Portugal, de que Ela é a gloriosa e sempre amada Padroeira.

Faz seiscentos anos que morreu em Avinhão o grande Papa João XXII, o Papa do Angelus, o Papa das Ave-Marias. Aquela cidade festejou há pouco com a maior pompa o sexto centenário daquele ilustre Pontífice, a quem se deve o triplice toque quotidiano dos sinos das igrejas em honra do mistério da Encarnação do Verbo Eterno e da Maternidade

divina de Nossa Senhora. Milhares de sinos, depois dos de Avinhão, onde aquele toque foi inaugurado, anunciaram e continuam a anunciar em toda a face do mundo a grande nova, trazida aos homens pelo Arcanjo S. Gabriel. Milhares de vozes repetem desde então, como um hino de júbilo e de reconhecimento perene, o «fiat» venturoso que foi o princípio da redenção do género humano. Que tristeza nas terras e que mágoa nos lares, quando se não faz ouvir, ao longe e ao largo, o som argentino do campanário, tocando pela manhã, ao meio-dia e ao pôr do sol, as Ave-Marias!

E que luto nas almas, purificadas no santo baptismo pelo sangue de Jesus, quando, desinteressando-se do «fiat» Mariano, perdem de todo as ressonâncias da misteriosa anunciação do Anjo Semesses celestes acordes, sem essas harmonias divinas, as pobres almas são como igrejas sem sinos ou como sinos que emudecessem, sepultados num algido silêncio de morte. A triplice voz do bronze, que tange as Ave-Marias, relembra a todos a boa nova da vinda de Deus à terra.

E o cristão, que o «fiat» Mariano nobilitou e engrandeceu, exornando-o com a graça santificante e tornando-o semelhante a Deus, ouve no fundo do seu coração o eco portentoso do «Magnificat» e rompe em fervorosa acção de graças pela vinda de Deus à sua alma. Nos sinos que tocam e nas almas que cantam, a Ave-Maria é a ária querida, é o estribilho predilecto.

Fátima na América

Promovidas pelo Hudson Portuguese Club, celebraram-se nesta localidade do Massachusetts, nos dias 7 e 8 de Agosto, as tradicionais festas em honra de Nossa Senhora da Fátima, que se começaram a realizar há trinta e dois anos.

Presidiu o arcebispo de Boston, D. Humberto de Sousa Medeiros.

A Fátima e a Rússia

OUTRORA, o Senhor lançava mão dos caldeus, babilônios, sírios ou egípcios para castigar e trazer ao bom caminho o Seu povo escolhido. Nos nossos tempos, parece querer servir-Se da Rússia para nos castigar e corrigir.

Na terceira aparição disse Nossa Senhora na Cova da Iria:

«Para impedir a guerra, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem aos meus pedidos, a Rússia se converterá e terá paz. Se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas».

Anunciou Nossa Senhora que viria pedir a consagração da Rússia ao seu Coração Imaculado. Quando cumpriu esta promessa? Passados 12 anos, a 13 de Junho de 1929, manifestando-se numa aparição à única sobrevivente dos três pastoresinhos. Ouçamos o seu relato:

«A única luz era a da lâmpada. De repente, iluminou-se toda a capela com uma luz sobrenatural e sobre o altar apareceu uma cruz de luz que chegava até ao tecto. Numa luz mais clara via-se na parte superior da cruz uma face de homem com o corpo até à cinta (Pai), sobre o peito uma pomba também de luz (Espírito Santo), e pregado na cruz o corpo de outro homem (Filho).

Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre o qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do crucificado e duma ferida no peito. Escorrendo pela hóstia, essas gotas caíam dentro do cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora (...Era Nossa Senhora da Fátima com o seu Ima-

culado Coração... na mão esquerda... sem espada nem rosas, mas com uma coroa de espinhos e chamas...) com o seu Imaculado Coração na mão...

Sob o braço esquerdo (da cruz), umas letras grandes como se fossem de água cristalina que corresse para cima do altar, formavam estas palavras: «GRAÇA E MISERICÓRDIA».

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade e recebi luzes sobre este mistério, que me não é permitido revelar.

Depois Nossa Senhora disse-me: — *«É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os bispos do mundo, a consagração da Rússia ao meu Coração prometendo salvá-la por este meio».*

Porque não nos emendámos e porque os nossos pecados impediram que se realizasse na devida altura os pedidos de Maria Santíssima, caíram sobre a humanidade os castigos preditos em 1917.

A Rússia espalhou «seus erros», isto é, o comunismo, pelo mundo, que a toda a parte onde chega desencadeia «guerras e perseguições à Igreja», conduzindo ao martírio muitos cristãos.

Os pedidos de Maria foram ouvidos. O Santo Padre Pio XII, ao consagrar o mundo ao Coração de Maria a 31 de Outubro de 1942, dirigiu à Virgem Santíssima um pedido especial de protecção e bênção para a Rússia. A consagração explícita dessa nação realizou-se dez anos mais tarde, a 7 de Julho de 1952. Dizia então o «Papa da Fátima»:

«Nós, para mais facilmente serem ouvidas as nossas e as vossas fervorosas preces e para darmos esta singular prova da Nossa benevolência, assim como, há alguns anos, consagramos todo o género humano

ao Coração Imaculado da Virgem Mãe de Deus, assim também agora, de modo especialíssimo, dedicamos e consagramos todos os povos da Rússia ao mesmo Coração Imaculado».

Nas palavras citadas da terceira aparição, no dia 13 de Julho de 1917, declarou a Virgem Santíssima: «O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia que se converterá». E à mesma vidente assegurava Jesus a 18 de Maio de 1936: «O Imaculado Coração de Maria há-de salvar a Rússia. Está-Lhe confiada».

Quando chegará essa hora tão

Inauguração dum Monumento a Nossa Senhora da Fátima

Nos dias 4 e 5 de Setembro, a povoação da Ratoeira (Celorico da Beira), vai estar em festa, por motivo de várias inaugurações, entre elas o monumento a Nossa Senhora da Fátima, junto da Estrada Nacional.

No dia 4 de Setembro (sábado), às 12 horas, Comunhão Solene das crianças; às 17 horas, administração do Santo Crisma por S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Sr. Bispo da Guarda; às 21 horas, terço, pregação e grandiosa procissão com a imagem de Nossa Senhora da Fátima, iluminada por um potente foco de luz, com velas empunhadas pelas mãos de todos os devotos de Nossa Senhora e com foguetes de lágrimas.

desejada? Só Deus o sabe. Em carta, de 4 de Maio de 1943 escrevia a Vidente da Fátima: «Nosso Senhor promete o fim da guerra para breve, em atenção ao acto que se dignou fazer Sua Santidade, mas... fica a conversão da Rússia para mais adiante».

O cumprimento dos pedidos de Nossa Senhora, sobretudo a prática da devoção reparadora dos primeiros sábados e a consagração ao Imaculado Coração de Maria, poderá e deverá apressar a conversão dessa imensa nação.

P. FERNANDO LEITE

FÁTIMA, ESPERANÇA DO MUNDO

É este o título dum esplêndido livro sobre a história das aparições de Nossa Senhora, escrito pelo conhecido jornalista e homem de letras francês, Gilbert Renault, e editado pela afamada livraria Plon, de Paris, cuja edição na língua francesa se esgotou.

Foi traduzido para a língua portuguesa por Mons. Moreira das Neves, poeta e jornalista. Para este livro escreveu S. E. o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira uma carta-prefácio, na qual afirma «Fátima, por sua vez, aparece-me como a misericordiosa resposta de Nossa Senhora ao ateísmo do século XX».

Com profusa e inestimável reprodução fotográfica de documentos, pela análise segura dos factos, este livro, relatando os factos principais da vida da Fátima até ao 40.º aniversário das aparições de Nossa Senhora, é indispensável a todas as pessoas que desejem documentar-se sobre a Mensagem que a Santíssima Virgem confiou ao mundo, e que cada vez tem mais actualidade nas difíceis crises da Humanidade.

A edição portuguesa, dada a grande quantidade de fotografias reproduzidas, foi posta à venda a um preço um pouco elevado.

Porém, a Livraria do Santuário da Fátima, no intuito de poder efectuar uma grande divulgação de livros sobre a Mensagem de Nossa Senhora, adquiriu o saldo da edição de forma a permitir reduzir bastante o seu preço.

Assim, o preço do livro «FÁTIMA, Esperança do Mundo», de Gilbert Renault, é vendido ao preço de 65\$00 cada exemplar. Para revenda concede-se o desconto de 20%. Os pedidos devem ser dirigidos à LIVRARIA DO SANTUÁRIO DA FÁTIMA, que funciona na Casa de Retiros «Senhora do Carmo».

Se morresses esta noite?...

Conta-se, na vida de S. João Bosco, que, num oratório salesiano de Turim, estavam em curso exercícios espirituais. Todos os rapazes se confessaram, à excepção de um, que se mantinha renitente, não obstante conselhos e admoestações.

D. Bosco usou, então, deste estratagem eficaz. Escreveu num papel esta frase: «Se morresses esta noite?» Colocou esse bilhete sob o travesseiro do rapaz.

À noite, todos se foram deitar. Aquele jovem, ao encontrar o bilhete ficou espantado e impressionado. Mas procurou não fazer caso. Deitou-se e tentou adormecer. Porém, aquela ideia da morte, que podia surgir nessa noite, e o estado da alma em que se encontrava, não permitiram que adormecesse. Levantou-se, então, e foi ao quarto de D. Bosco, que o esperava já, e fez uma confissão bem feita.

De manhã, todos se levantaram, menos aquele rapaz: tinha morrido!...

Não sabemos nunca quando será a nossa última confissão! Não sabemos se teremos tempo para fazê-la!...



FÁTIMA, 13 de Agosto de 1971 — O Bispo de S. Dinis, arredores de Paris, onde trabalham cerca de 30.000 portugueses, dá a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes.